
Reflexões sobre a Evasão Escolar no Ensino Médio a partir do olhar de educadores: um estudo de caso

Reflections on High School Dropout from the standpoint of educators: a case study

Reflexiones sobre el abandono escolar en la escuela secundaria desde el punto de vista de los educadores: un estudio de caso

Melo, Alessandro de¹ (Guarapuava, PR, Brasil)
ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0003-0468-3964>
Peplinski, Emanuely² (Guarapuava, PR, Brasil)
ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-0536-1257>

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir o conceito e reflexos da evasão escolar no Ensino Médio público na educação e prática escolar. Para tanto, utilizou-se a análise da literatura e o conteúdo de entrevistas realizadas com vinte e seis educadores de quatro escolas estaduais no município de Guarapuava/PR. A metodologia para levantamento de dados foi o estudo de caso, analisados pelo viés das representações sociais dos sujeitos envolvidos, tendo como pano de fundo o método materialista histórico. Recortou-se para a discussão, as respostas relacionadas às definições de evasão dos entrevistados, suas percepções dos reflexos da evasão na comunidade escolar e as ações realizadas para combater a evasão. Por fim, foi possível perceber que os discursos desenvolvidos sobre a evasão são diversos e refletem as ideologias que atravessam a escola, também foi possível perceber os avanços em relação às políticas públicas para a juventude que precisam ser discutidas para garantir o acesso e permanência de todos os estudantes à escola.

Palavras-chave: Evasão escolar. Ensino médio. Educador.

Abstract

This article aims to discuss the concept and effects of high school dropout in public education and school practice, using the literature analysis and the content of interviews conducted with twenty-six educators from four state schools in the city of Guarapuava/PR. The methodology for data collection was a case study, analyzed from the perspective of the subjects' social representations with the background of the historical materialist method. Discussion has analysed the answers related to the interviewees' definitions of dropout, their perceptions of the effects of dropout on the school community and the actions taken to combat it. Finally, it was possible to notice that the discourses developed about dropout are diverse and reflect the ideologies that permeate the school environment, it was also possible to notice the advances needed in public policies for youth to ensure the access and permanence of all students.

Keywords: School dropout. High school. Educators.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir el concepto y los efectos del abandono escolar en la escuela secundaria pública sobre la educación y la práctica escolar, utilizando el análisis de la literatura y el contenido de entrevistas realizadas a veintiséis educadores de cuatro escuelas públicas del municipio de Guarapuava/PR. La metodología para la recolección de datos fue el estudio de caso, analizado desde la perspectiva de las representaciones sociales de los sujetos pesquisados, en el contexto del método histórico materialista. Se seleccionaron para la discusión las respuestas relacionadas con las definiciones de abandono escolar de los entrevistados, sus percepciones sobre los efectos de esta en la comunidad escolar y las acciones tomadas para combatir la misma. Finalmente, fue posible notar que los discursos desarrollados sobre la deserción son diversos y reflejan las ideologías que permean la escuela, también se pudo notar los avances en relación a las políticas públicas para la juventud que necesitan ser discutidas para asegurar el acceso y permanencia de todos los estudiantes a la escuela.

Palabras-Clave: Abandono escolar. Escuela secundaria. Educadores.

¹ Professor Associado da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – UNICENTRO. alessandrodemelo@unicentro.br

² Psicóloga Clínica CAPS AD Guarapuava. emanuely.peplinski@gmail.com

Introdução

Este texto trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado em Educação defendida pelo PPGE/Unicentro que versou sobre a evasão escolar no Ensino Médio – EM no município de Guarapuava/PR. Tem-se como objetivo discutir o conceito e reflexos da evasão escolar na educação e prática escolar, bem como as ações que têm sido realizadas para combatê-la, para tanto utilizou-se a análise da literatura e o conteúdo de entrevistas realizadas com vinte e seis educadores de quatro escolas estaduais deste município paranaense.

Primeiramente, importa conceituar o fenômeno da evasão escolar. Apoiamo-nos em órgãos oficiais como o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (2017) e autores como Rodrigues et al. (2018), Fini, Heijmans e Luscher (2013) e Prestes e Fialho (2018) para compreender a evasão como a não finalização de uma unidade escolar, culminando na saída do sistema educacional sem posterior retorno, o que a difere do conceito de abandono.

A evasão é, pois, o desfecho final de uma sucessão de fatores que distanciam o estudante da conclusão da educação formal, muitos relacionados com sua história, mas também ao contexto histórico e cultural em que se encontra (FINI, HEIJMANS, LUSCHER, 2013), bem como vinculado a fatores institucionais. Um fenômeno, portanto, multideterminado e complexo.

Temática que tange a diversas disciplinas e campos de pesquisa, a evasão escolar é muito discutida e esforços têm sido despendidos para sua definição e prevenção. No Brasil, é o Ensino Médio o nível educacional que apresenta as maiores taxas de evasão, com taxas de escolarização entre pessoas de 15 e 17 anos de 87,9% em 2016 (BRASIL, 2016), e, ao se considerar que é a juventude também a faixa etária mais cobrada em relação à entrada no mercado de trabalho, e que, portanto, sente as mudanças socioeconômicas e o desemprego (SOARES, et al., 2015; MINAYO, 2011), torna-se especialmente preocupante o número de jovens que deixam a escola antes de completar a educação básica, já que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019) também pontua as maiores taxas de desocupação entre os indivíduos com o Ensino Médio incompleto (18,5%).

Esta investigação se justifica ao buscar contribuir para os esforços já realizados no campo educacional para compreender e combater a evasão,

principalmente relacionada à juventude que, devido a diversos fatores, acaba por ser excluída da educação formal, prejudicando sua formação, oportunidades laborais futuras e com o risco de manutenção do ciclo da pobreza (SANTOS, 2018).

Para tanto, nos aproximamos das vivências e falas dos sujeitos que todos os dias convivem com as ausências dos estudantes ao longo do ano letivo e que também são cobrados para solucionar a evasão: professores, professoras, pedagogas e pedagogos e direção escolar, neste texto referidos como educadores. A metodologia utilizada foi o estudo de caso e a análise das entrevistas pelo método das representações sociais, tendo como pano de fundo a compreensão do fenômeno da evasão a partir da análise do materialismo histórico, já que se compreende que é parte do dinâmico e contraditório movimento típico da sociedade de classes na educação. Esta teoria permite-nos apreender o movimento da realidade em suas contradições, de forma que o econômico, o social, o político e o ideológico são inter-relacionados e determinam-se reciprocamente (MARX, 2004; MARX; ENGELS, 1999), o que se faz presente nas vidas e opções da juventude que permanece ou evade a escola.

O método de estudo de caso se mostra proveitoso para a investigação pretendida considerando que o fenômeno investigado é a evasão escolar e a pesquisa busca entender e descrever este objeto dentro das unidades de caso, que são quatro escolas estaduais públicas do município de Guarapuava/PR. A contribuição que se espera é confrontar as conclusões desta pesquisa em questão com o que é já conhecido na literatura, de forma a aprofundar teorizações e gerar novas questões para futuras investigações (PONTE, 1994).

Foram escolhidas por sua localização geográfica quatro colégios estaduais que oferecem o Ensino Médio regular, um do centro da cidade (E1 - EM matutino) e três periféricos (E2 - EM noturno, E3 e E4 - ambos com EM matutino e noturno). Conduziu-se entrevistas semiestruturadas com 26 educadores, sendo 4 diretoras(es) (D), 6 pedagogas (P), e 16 professoras e professores (P).

O texto segue dividido em quatro partes. Primeiramente contextualiza-se brevemente a pesquisa, e em seguida desenvolve-se a discussão de três categorias levantadas a partir das entrevistas, são elas: a definição de evasão escolar, os reflexos da evasão na comunidade escolar e as ações de enfrentamento desenvolvidas.

Breve contextualização do caso

Para que seja possível conhecer e discutir algumas características regionais e os dados e índices educacionais do município, importa fazer uma breve contextualização da história, economia e dados geopolíticos.

O município de Guarapuava está situado na região centro-sul do Paraná, com população aproximada de 181 mil habitantes (2019), e 200 anos de história. O processo de colonização da cidade seguiu o modelo da colonização portuguesa de concentração de casas em torno de uma igreja, economia agrária, latifúndios e a concentração de terras e renda por algumas famílias, que tradicionalmente ainda mantêm grande parte das propriedades, empresas e cargos políticos, mantendo ares de coronelismo (SILVA; FILHO, 2019).

Desde o início de seu desenvolvimento, sua economia é voltada para a agroindústria, nos segmentos agrícola, madeireiro e pecuário. Destaque para a produção de grãos, como o milho, soja, e é também o maior produtor de malte do país. As indústrias alimentícias, de papel e produção de pintainhos também têm papel fundamental na economia. Os serviços, comércio e a presença de duas universidades públicas e três grandes faculdades particulares também tem uma presença marcante na economia local.

Em 2018, quando, com 180.334 habitantes, o município apresentou um PIB per capita de cerca de 31 mil reais (2017), e o salário médio dos trabalhadores formais era de 2,6 salários mínimos (IBGE, 2020); 35% da população (ou seja, mais de 63 mil) viviam com até meio salário mínimo e a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 26,7%. Estes índices demonstram que ainda que o IDHM do município seja alto (0,731 em 2010), há grande desigualdade e acúmulo de capital.

O município de Guarapuava conta com 25 escolas estaduais e 11 colégios particulares que oferecem EM. As escolas públicas incluem 4 escolas do campo, 1 colégio agrícola e as demais são urbanas. É possível perceber que a evasão no EM diminuiu do período 2015/2016 (9,5%) para o período de 2016/2017 (7,5%). Em 2018, este número subiu para 10,7% (INEP, 2018).

Definições de evasão pelos educadores

A evasão é relacionada muitas vezes com a retenção, a repetência, com a saída de uma instituição ou do sistema de ensino, a não conclusão ou o não ingresso de um nível de ensino, abandono, retorno posterior aos estudos e ao comportamento de evadido do aluno (*dropout*) (DORE; LÜSCHER, 2011).

Steinbach (2012) e Pelissari (2012 apud FILHO; ARAÚJO, 2017) optam pelo vocábulo “abandono” em detrimento à “evasão” considerando que o segundo pode sugerir um ato solitário, responsabilizando o estudante.

Assim, a primeira pergunta a ser analisada na pesquisa realizada teve como finalidade compreender as definições de evasão dos sujeitos entrevistados. Todas(os) as(os) diretoras(es) apresentaram semelhanças em seus conceitos, considerando a evasão enquanto a saída do estudante do convívio escolar sem retorno previsto, também consideram este como “um dos maiores problemas” (D1 - E4) educacionais a se enfrentar na escola.

A evasão foi também relacionada ao absentismo: quando o estudante deixa de frequentar ou falta com frequência por motivos fúteis. “Evasão escolar é o aluno que está matriculado, vai alguns dias na escola e evade, ele some, [...] a evasão escolar acontece quando os mecanismos [que a escola tem] não dão certo e o aluno, de fato, desaparece” (D1 – E3).

Entre as entrevistas das equipes pedagógicas, as falas também relatam diversas definições, tais como: “É o mesmo que abandono, quando os alunos param de frequentar. Para mim, quando o aluno abandonou de vez, ele se evadiu” (P2 – E4). Conceito semelhante ao que desenvolvemos também surgiu nas entrevistas: “É [quando] o aluno não vem mais para o colégio e daí no ano que vem ele não faz a matrícula, então, ele fica fora do sistema escolar, porque a pessoa que desiste, digamos, [que] desistiu, ela é desistente” (P1 – E1).

Os professores também aproximaram-se da ideia de desistência em suas falas (F3; F2 – E3), ou de “sair da escola” (F2 – E2), mas também que: “Evasão não é somente o aluno que deixa de ir. Aqui nós temos alunos que deixaram de ir, uns 2-3 meses sem aparecer e agora voltaram. Para mim, o aluno que vem de vez em quando, vai e vem, pra mim é um aluno evadido” (F4 – E1). Outros docentes também relacionam a complexidade de fatores relacionados, como relata F1 – E1: “É desistência por diversos motivos, por diferentes situações do aluno, independente

[se] do Ensino Fundamental ou Médio, porque existe em todos os setores. Essa desistência, esse abandono né, sempre motivado por alguma situação”. Ou, conforme outro entrevistado: “Definir evasão escolar, seria desperdiçar a oportunidade” (F4 – E2).

Nestas falas é possível perceber que a própria definição de evasão dos sujeitos se aproxima das orientações e definições de organismos e instituições educacionais como o INEP e, ao mesmo tempo, há um sentido ambíguo entre ser a evasão um protagonismo do estudante ou o resultado de uma falha do próprio sistema.

Esta ambiguidade do fenômeno reflete aquela presente na literatura (PRESTES; FIALHO, 2018; STEINBACH, 2012) e ilustra sua própria complexidade e caráter multideterminado (DORE; LÜSCHER, 2011). Ao citar a questão da presença ou não de motivações para a evasão, os entrevistados também tendem a relacionar a situações externas (como trabalho e casamento) ou internas (desmotivação).

Entender como a direção representa a evasão importa porque esta definição guia e justifica as ações realizadas, da mesma forma que a definição de evasão de algumas instituições e institutos de pesquisa leva a desenvolver discussões mais compreensivas ou mais determinantes (MARGIOTTA; VITALE; SANTOS, 2014).

Da mesma forma, a equipe pedagógica é diretamente cobrada e empenha-se diariamente no controle das faltas e abandono escolar; suas definições de evasão são relacionadas ao processo de tomada de decisões, e ao olhar sobre a própria prática. Os professores passam pelas mesmas impressões e ambiguidades em suas falas e definições, mostrando como as representações de um mesmo objeto podem ser mutáveis e contraditórias.

Como Moscovici (2011) destaca, as representações sociais possuem caráter dinâmico, que aproxima ou contrasta a visão dos indivíduos dentro do grupo. Ao percebemos as diferentes definições e relações criadas pelos entrevistados, podemos perceber o intercâmbio entre as intersubjetividades e o coletivo ao construir uma representação de evasão.

De acordo com Bakhtin (1997), um diálogo ou fala é mais do que uma construção individual, pois é atravessado por ideologias diversas, ou seja, múltiplos sujeitos cognoscentes e aspectos sociais o constroem e influenciam. As

contradições e interconexões socioideológicas que surgem na linguagem revelam os significados socialmente atribuídos aos conceitos.

Ao se pensar na evasão enquanto uma dinâmica do sistema social em geral, e escolar em particular, importa lembrar que o papel da escola é limitado, mas muito importante no que se relaciona aos fatores diretamente ligados, ou seja, embora ela seja o *lócus* (físico e histórico) em que ocorre a evasão, esta não é isoladamente nem o início nem o fim deste processo, sendo sua atuação limitada por fatores sociais. Assim, tal como pode promover um clima para a evasão, com práticas excludentes, a escola também pode oferecer condições de integração para os estudantes, bem como o suporte necessário para se obter resultados positivos em relação a permanência dos estudantes (KRAWCZYK, 2011; WITTE et al., 2013).

Outro ponto levantado com unanimidade entre os sujeitos da pesquisa é a necessidade de mudanças no Ensino Médio, porque este “está com problemas” (D1 - E4)³. Contudo, importa refletir que mudança está sendo proposta para a escola. Como destaca Frigotto (2019), as relações sociais no capitalismo foram crescentemente regressivas, o que inclui o campo da educação.

A escola de valores iluministas, que deveria ser vista como um direito social, pública, universal, gratuita e laica, ganha novos discursos a partir de teorias econômicas, como a teoria do capital humano, que basearam (e baseiam) diversas reformas na América Latina e no Brasil. Assim, a educação se submete e se regula a partir do mercado (FRIGOTTO, 2019).

Podemos questionar se as mudanças propostas ou mesmo a necessidade de mudança percebida é resultante de uma ideologia de mercado, em busca de expansão ou da real motivação de proporcionar uma educação significativa. Esse fenômeno também se relaciona com a flexibilização da educação, da formação e do mercado de trabalho que esvaziam de sentido o trabalho e consequentemente a educação que deveria preparar para este. A juventude é especialmente afetada porque inicia a vida adulta e é mais cobrada para trabalhar e determinar alguns aspectos de seu presente e futuro.

A estrutura social e os obstáculos à permanência escolar que esta produz permanecem e se intensificam nas práticas desenvolvidas voltadas para o mercado

³ Não podemos aprofundar a questão aqui, mas evidentemente que a Reforma do Ensino Médio – REM, aprovada pela Lei n. 13.415/2017, tende a ser em um futuro breve mais um fator problemático para a crise deste nível da educação básica (LEITE, 2021).

e índices cada vez mais altos. Exemplificam o fechamento de turmas e do turno noturno relatados e percebidos nas escolas pesquisadas e em tantas outras. Nas palavras de Frigotto (2019): “É esta dupla cidadania [política e econômica] que a classe dominante brasileira, com DNA escravocrata, colonizador, antinação e antipovo negou e continua negando à maioria dos jovens brasileiros”.

Assim, perceber os índices crescentes da evasão não basta para compreendê-los em suas características regionais. Porque ainda que alguns dos fatores e dificuldades sejam comuns a diversas escolas, nem todas possuem o mesmo peso.

Reflexos da evasão

Nesta categoria, agrupamos as respostas dos educadores sobre o que, direta ou indiretamente, é afetado pela existência da evasão. Ou seja, os reflexos da evasão sobre o cotidiano escolar, sobre a comunidade escolar e seus atores. Suas respostas foram agrupadas em três categorias: pessoais, internas e externas à escola.

Dentre as questões pessoais, os educadores ressaltaram as perdas que a evasão pode trazer para o estudante e sua família, como em relação a menores oportunidades de emprego formal, dificuldade em continuar estudando mais tarde, quando o estudo se soma a outras responsabilidades, e os prejuízos que o próprio comportamento de desmotivação com relação aos estudos (*dropout*), nas palavras de um entrevistado: “Se o meu aluno não tá na escola, eu não tenho como ensinar, eu não vou ter índices nunca, eu não vou ter qualidade nunca, porque ele não vem, ele não vai conseguir me demonstrar uma qualidade de aprendizagem se ele não assistiu aula” (D1 - E4).

Quanto à desmotivação dos outros alunos, uma pedagoga reflete: “Afeta os colegas, porque nós tivemos uma turma que ela não era tão pequena, mas foi evadindo um, evadindo outro e a turma ficou pequena, então a turma parece que foi ficando desmotivada por serem poucos” (P2 - E4).

Na visão de outro professor, a evasão acaba por contribuir para a manutenção da pobreza e diminuir as chances de mudanças e ascensão social (F2 - E2). Assim, se porventura estes jovens precisam voltar à escola futuramente, já haverá novos obstáculos.

Muitos relatam que acabaram se arrependendo de ter parado, porque já poderiam ter terminado, mas até por falta de muita opção, eles acabam voltando mesmo, e eles relatam, muito deles dizem que se arrependem, que poderiam ter terminado e estar melhor hoje, mas como já passou muito tempo, alguns já casaram, tem filhos, então mais difícil ainda (F4 – E4).

O engajamento social é importante para a permanência dos alunos (WITTE et al., 2013; GESTA, 2017), da mesma forma o posicionamento dos pares e da família sobre educação influencia a dos próprios estudantes (SILVEIRA, 2014; DORE, LUSCHER, 2011).

Na categoria de reflexos internos à escola, destacamos a redução no número de alunos e matrículas, que leva à redução de alunos por turma e de turmas por período, colocando a escola em risco de perder turmas e até mesmo fechar. De forma que os professores precisam trabalhar em mais escolas para cumprir a sua carga horária.

Ano retrasado quando se fechou o noturno, primeira coisa que a gente sentiu foi o número de funcionários né, a questão das verbas que são atreladas ao número de alunos, ou ano passado quando precisou juntar as turmas, os professores perderam aula, né, a turma ficou bastante grande, pra gente contornar até que eles se habituassem a repartir o espaço junto foi bem complicado, até a gente retomar pois nem sempre os professores eram os mesmos, essas questões assim afetam muito (F3 - E1).

Os educadores relatam que tentam motivar os estudantes a permanecer. “Eu sempre falo pros alunos: tem que estudar pra você ter opção, ter escolha, porque se você não fizer, se não terminar os estudos não vai ter como optar no que você vai trabalhar, você vai ter que trabalhar no que oferecerem” (P1 - E1).

Ainda que a educação sozinha não seja capaz de transformar e modificar as relações sociais, recai sobre ela muita esperança e tentativas de conscientização dos jovens por meio da educação (MARGIOTTA; VITALE; SANTOS, 2014; FRIGOTTO, 2019), de forma que, ainda que a escola pública não seja a solução para todos os problemas sociais, tem seu papel e desafios. Sobre isso afirma Frigotto (2019):

O grande desafio da educação talvez seja de ajudar os jovens, em especial filhos e filhas da classe trabalhadora do campo e da cidade, a perceberem pela análise do processo histórico que a sua geração e as novas gerações somente terão futuro previsível se a ciência, a terra, a água, as riquezas do subsolo se tornarem um bem comum da humanidade, e não apropriados para o lucro de poucos.

Soma-se a isto a sensação de que a escola está falhando no seu papel, como relata um entrevistado:

[se um aluno] não consegue se sentir atraído pela escola, compromete no sentido que a escola está falhando e isso é muito ruim, é bem ruim, eu já me peguei várias vezes como gestor me auto criticando e ou simplesmente triste mesmo, porque percebo que a gente falhou nisso, [...] desanima um pouco (E3 – D1).

De acordo com os entrevistados, a imagem da escola, principalmente da escola pública, diante a comunidade é prejudicada, e cai em maior descrédito. Esta sensação de impotência, somada à falta de valorização dos professores e da escola, resulta em frustração com o próprio trabalho. Nas palavras dos educadores: “Eu como pedagoga me sinto fracassada, porque o que eu posso fazer mais? O que eu estou errando?” (P2 - E4). Na mesma linha complementa outro professor:

Realmente é frustrante pra gente que é professor e pra gente que trabalha dentro de uma escola ser uma coisa fria, distante para o aluno, a escola não atrai e ele acaba saindo. Então, eu acho que pra escola afeta desde recursos financeiros assim, que é em função basicamente na manutenção dos alunos, os índices que a gente consegue, até mesmo a questão de autoestima dos professores, a nossa classe, a autoestima às vezes é dose, né, a gente não consegue convencer esses jovens, esses adolescentes de hoje [...] eu me sinto frustrado enquanto professor, de não conseguir manter os alunos na escola para oportunizar uma vida melhor pra eles assim, então eu acho que o papel, na escola o principal é esse (F2 - E2).

Os educadores relatam frustração ao não serem capazes de produzir as mudanças que poderiam ser necessárias na forma dos estudantes se relacionarem com a escola e a educação, bem como em manter estes frequentando com rendimento. Até este ponto já nos é possível perceber que os fatores relacionados à evasão e ao sentido atribuído à escola atravessam suas paredes e remetem à própria organização da sociedade de classes e outros elementos históricos e estruturais.

Desta forma, mesmo que a educação seja utilizada de maneira libertadora, ela não é capaz de solucionar as contradições e desigualdade sociais, pois é complexo fundado (SANTOS, 2018), portanto, limitada, e esta limitação liga-se à frustração relatada pelos profissionais, como nestas palavras de um educador: “A escola tem todas as condições, tem professores excelentes, com formação, com experiência e mesmo assim você não consegue dar conta da evasão” (F4 - E2).

De acordo com Tostes et al. (2018), a classe dos professores está sujeita a grande sofrimento mental relacionado ao trabalho. Eles precisam enfrentar a dualidade de reproduzir a cultura individualista, na qual a escola está incluída, e, ao mesmo tempo, personificar a esperança de mobilidade social e transformação de

estudantes e suas famílias.

Quanto aos reflexos externos à escola, destacam-se as baixas notas em avaliações externas, como o IDEB e PISA, resultados que são obtidos seja porque os alunos faltam às aulas, seja pela porcentagem baixa de alunos presentes ou a própria evasão, todos fatores que causam uma menor média na avaliação.

Assim, outra forma que a evasão afeta a escola é, segundo um professor: “Através dos índices né, porque o governo nos cobra isso, manter os índices, manutenção da matrícula e a permanência do aluno” (P1 - E2).

Avaliações de larga escala como a Prova Brasil e o Saeb, cujas notas influenciarão diretamente no IDEB da escola têm sido muito discutidas na área da educação. A gestão escolar e os professores são especialmente cobrados para manter os índices altos. Segundo Kohn (2012), a mensuração em larga escala se apresenta como a única forma de compreender os problemas que a escola apresenta, contudo, este processo não mostra formas de resolver estes “problemas”, ao contrário, pune as escolas e indivíduos pelos resultados, controlando assim o que será estudado, com que finalidade e fazendo as escolas competirem umas contra as outras por resultados e, conseqüentemente, recursos (MELO, 2016).

A ideia de qualidade baseada em números é uma das facetas do processo de subsumir a educação ao mercado. Assim, a busca por “eficiência”, “eficácia” e “qualidade” a qualquer custo, com o mínimo de recursos, independente das características e necessidades de cada local e dos estudantes, demonstram a lógica liberal reproduzida no dia-a-dia escolar e em seus discursos.

Com um menor número de alunos, reduz-se os recursos financeiros direcionados para a escola, bem como o número de funcionários ou até na presença ou ausência de uma direção auxiliar, ou seja, o porte da escola. Afeta também, segundo uma das pedagogas entrevistadas: “No sentido econômico, porque todo mundo que tá na escola tá gerando despesa, né, então eu acho que afeta o Estado na gestão econômica” (P2 - E4).

Um dos problemas que se levanta na leitura destas falas é se, de fato, a centralidade da ação estatal no combate à evasão se dá por motivos próprios, relacionados ao futuro da juventude e do país, e no que a escola compete para isso, ou se a motivação é indireta, ou seja, utiliza os estudantes como meios deste processo mercantilizado e competitivo das avaliações em larga escala.

Quanto aos funcionários, estes relatam que: “Professor que trabalhava aqui perdeu as aulas, então afeta bastante em termos de estrutura, a escola perde o porte, o porte é questão de verba, vem menos verba por exemplo, perde a vice-direção” (F4 - E2).

O quadro de funcionários é reduzido para atender os alunos, né, então a gente acaba pecando, acaba falhando em um ponto ou outro, [...] diminuir a questão de fundo rotativo, reduz números de pessoal administrativo, reduz número de agentes né, que auxiliam no trabalho e por exemplo agora tá um risco iminente de acabar o Ensino Médio noturno (F4 - E4).

E, por fim, a alta evasão também prejudica a imagem da escola diante da comunidade em que está inserida, conforme relatam os entrevistados.

Tem colégios aqui em Guarapuava, que são assim [...] maravilhosos, que aprova no vestibular um número bem significativo. Aí o que acontece, com o número de evadidos no noturno, o IDEB cai lá em baixo, porque [...] no final, em números, dá impressão que o colégio não oferece um ensino de qualidade, e o que que acontece, são os evadidos que abaixam esse número (P1 - E1).

Assim, as provas instituídas nacional e internacionalmente classificam as escolas, cortando recursos e matrículas daquelas que apresentam dificuldade de bater as metas estabelecidas pela Secretaria de Educação, ação esta que prejudica o próprio trabalho e funcionamento da escola, além de prejudicar a visão popular da escola pública (KOHN, 2012).

Tais ações seguem a lógica do aluno protagonista e da educação de qualidade, enquanto perpetuam e intensificam as desigualdades e o sucateamento da educação como projeto hegemônico de sociedade. Desta forma, como a educação se organiza, a escola pública é constantemente criticada e desacreditada, enquanto a própria constituição social expulsa crianças e jovens da escola (FREIRE, 2006).

Ações em resposta à evasão

As ações relatadas pelos educadores para enfrentar a evasão foram divididas em quatro categorias: controle, protocolos de prevenção, acolhimento e promoção do engajamento. Como ações de controle podemos elencar o Programa “Presente na Escola”, do governo estadual do Paraná, que permite o acompanhamento diário e digital das faltas por disciplina. Outras formas de controle citadas são: chamada realizada pelos representantes de turmas e o controle em

tempo real pelos pais das faltas e presença dos filhos, através do aplicativo Escola Paraná.

O colégio precisa monitorar o programa Presente na Escola, fazer os registros no Sistema Educacional da Rede de Proteção – SERPE, ligado diretamente ao Conselho Tutelar e à Rede de Proteção à criança e adolescente.

Você entra e você coloca os dados do aluno e coloca quais ações que a escola fez e o que deu certo e como agora tem o Presente na Escola, [...] para prevenir essa evasão, porque todos os dias que eu saiba, no final da noite, gera um relatório de faltas do colégio (P1 - E1).

E acrescenta um professor entrevistado: “Agora é tudo online, meio que automático [...] no sistema no aplicativo Escola Paraná que o pai acessa na hora, deu falta, já aparece ali, teu filho tá faltando, daí tem pais que estão bem espertos e nesse sentido é muito bom” (F4 - E1).

As formas de controle relatadas são ligadas diretamente à chamada e aos números de faltas. Os profissionais relatam que este sistema online e mais ágil pode ajudar na prevenção, de forma que a escola consegue perceber por meio dos relatórios diários quais são os estudantes que faltam mais e estão em risco de abandono ou evasão. Todavia, este sistema é mais uma forma de cobrança do governo estadual sobre as escolas, e, segundo consta pela fala dos entrevistados, pode ser utilizado para responsabilização de demandas que ultrapassam a capacidade escolar de resolução.

A constante cobrança pela redução da evasão para a melhora do IDEB e para demonstrar “resultados”, pode utilizar um sistema de controle como este para justificar ações pragmáticas e que acabam por excluir jovens da escola, como as ações de “remanejamento” do ensino noturno ou os próprios relatos dos educadores sobre as turmas e turnos que fecharam nas escolas que trabalharam.

Os protocolos de prevenção relatados são os mesmos para todas as escolas: primeiramente há uma conversa inicial com o aluno (para garantir a responsabilização), após tenta-se o contato com a família por todos os meios disponíveis (bilhete, telefonemas, mensagens etc.), uma conversa/orientação com a família, e, caso haja necessidade, é feito o encaminhamento do caso para a rede de proteção à criança e adolescente (Conselho Tutelar, CRAS, CREAS, e outras entidades). Segundo os entrevistados, as ações da escola são limitadas e, muitas vezes, não é possível realizar uma busca ativa efetiva. Além do que, há uma

sensação de pouca ação por parte da rede de proteção, já que os instrumentos não são capazes de arcar com toda a demanda. Nas palavras de um dos diretores entrevistados:

A gente conversa primeiro com o aluno, porque a gente entende que o aluno do Ensino Médio já tem uma idade e ele tem que começar a assumir algumas responsabilidades, então a gente conversa com o aluno, se a gente não tiver êxito a gente vai a busca dos pais, aí é um pouco mais difícil (D1 – E4).

Além desta conversa com os estudantes, diz uma pedagoga: “Nós temos a rede de proteção que é o CAPS, CRAS, e o Conselho Tutelar, é uma rede, então a cada trimestre nós temos uma reunião com um representante de cada escola, ou de cada ordem dessas que eu citei” (P1 - E3). Mas, conforme relata outra pedagoga:

Não tem como resolver assim de imediato, dizer se nós fizessemos isso e aquilo vai resolver... ameniza, mas não resolve, porque independe da escola, quando você vai trabalhar você vai perceber que faz, faz e de repente você percebe que parece que não fez nada (P2 - E3).

De fato, não são ações isoladas da escola que serão capazes de modificar a situação da evasão, já que se trata de um fenômeno da estrutura social em uma sociedade de classes. Existe muito o que a comunidade escolar tem feito para manter os estudantes, principalmente os jovens, na escola. O papel da rede de proteção é fundamental, afinal a educação é um direito garantido por lei, e cabe que esta seja colocada em prática. Para tanto, a rede precisa ser fortalecida para que possa dar conta das demandas, e disso depende de políticas públicas, investimentos do Estado e controle social.

Ações de acolhimento incluem todas as formas de prevenir que o estudante se evada pela conversa, motivação ou vínculo, ou ainda, ações que são realizadas com o objetivo de receber novamente o aluno que está com planos ou risco de abandono.

A gente tenta reverter aquela situação, porque sempre tem um pensamento negativo, ou às vezes já tão indo mal na escola por vários motivos né, e desistir parece muito mais fácil né, então alguns consegue reverter, sempre com um grupo de professores [...] A gente tenta conversar, mostrar a importância da educação, que pra sair daquela realidade é bem importante a escola, a educação (F1 - E1).

Estas ações foram mencionadas por direção e professores principalmente, o que é esperado tendo em vista que as ações de prevenção protocolares acabam sendo de maior responsabilidade da equipe pedagógica. “Nós

conversamos com os professores, damos oportunidade de fazer outros trabalhos, conversamos com a família, mas, como eu disse pra você, quando o aluno realmente não tem vontade, ele desperdiça tudo isso” (P1 - E1).

A gente pode dizer assim que o Estado ele favorece o aluno nesse... tanto que, [para] o aluno evadido que retorna, existem ações que são próprias que retomam os conteúdos para que ele faça recuperações, inclusive nós, quando retorna um aluno, a gente tem que montar um plano né, pra que ele retome esses estudos (F1 - E2).

Formas de compreender as necessidades do trabalhador-estudante e ações diferenciadas são mencionadas: “O perfil do meu aluno trabalhador, né, ele já não consegue estudar durante o dia, porque ele trabalha, então lógico que vai afetar a vidinha dele, lógico que a gente entende e avalia diferente, nós temos que avaliar de alguma forma” (F2 - E4).

É preciso compreender que a educação e as aulas são produzidas para alunos reais, nem sempre ideais (FORNARI, 2010), por isso a importância de olhar para suas dificuldades e interesses específicos para acolher estes estudantes e mantê-los vinculados à escola.

Ações que promovem o engajamento são aquelas realizadas pelas escolas em função de incentivar a participação dos alunos, presença na escola e promoção de cuidados para dar atenção a suas necessidades. Como exemplos temos: a realização de eventos acadêmicos ou não, para promover a participação e descontração dos estudantes (E4), cuidar para oferecer um “lanche caprichado” para os alunos do noturno, que chegam com fome na escola após trabalhar o dia todo (E3), realizando orientações e conversas com alunos em risco de evasão ou evadidos para tentar motivá-los a voltar a estudar, seja na mesma escola ou em outras escolas/modalidades (E1 e E3), promovendo passeios e premiações para turmas que mostrem bom rendimento e frequência (E2), e também estudar os relatórios diários de faltas para compreender padrões e conversar com os professores destas disciplinas (E1 e E4).

Uma forma de prevenir a evasão no turno da noite [...] em outros anos era de uma forma até meio estranha assim, mas era caprichando no lanche, porque muitos alunos vinham do trabalho direto pra escola, e ficavam muito frustrados assim, chegavam na escola e ter bolacha e chá [...] daí muitos alunos pararam de vir pra escola porque preferiam ir pra casa comer e não voltavam pra escola, então o fato da escola ter condições de oferecer uma janta, lá por 8 horas da noite, 8 e 30, que é o intervalo da noite, é uma forma de prevenir a evasão de um turno específico (D1 - E3).

Ações que podem ser uma conversa: “Eu incentivo, eu tento mostrar que podia ser diferente a história dele se ele continuar estudando, mas ao mesmo tempo eu lamento porque é bem difícil de conseguir isso” (F2 - E2).

Com relação à prevenção da gravidez na adolescência, os educadores relataram que tentam educar e conscientizar os estudantes, como relata uma professora: “A gente tenta né, conversar com eles, tem outras possibilidades, a gente tem tentado fazer palestras com as meninas para que as meninas se cuidem” (F1 - E4).

Tais ações também podem ser realizadas por um projeto mais elaborado, como o seguinte:

Eu trabalhei em um colégio do interior, e a evasão à noite era muito grande nesse colégio do interior sabe, daí junto lá, professores e diretores montaram um projeto de esporte e a evasão diminuiu bastante, porque daí o ano todo a gente tava lá em questão de participação dos grupos e jogos, tanto meninos como meninas né, então foi bom, e, continua sendo [...] é interessante que até o último dia de aula o pessoal está ali, sabe, a gente tinha os projetos muito legais, e até os professores participando (F4 - E3).

Estas ações de promover o engajamento remetem àquelas levantadas por Krawczyk (2011), para as quais a escola prepara projetos, eventos e cursos no contraturno ou aos finais de semana, tanto para engajar e promover pertencimento aos jovens quando para garantir que estes se envolvam em ações educativas e culturais ao invés de atividades ilegais, ou que infrinjam seus direitos. Esta forma de proteger os jovens da violência, da falta de oportunidades de seu meio e resolver demandas possíveis (como a educação sexual e alimentação), pode ser promovida na escola, com resultados positivos de maior engajamento e criação de sentido na escola para a juventude.

As ações mencionadas aqui foram citadas pensando em uma relação direta com a evasão, contudo, práticas curriculares e vínculos sociais construídos de maneira empática e interessada no aprendizado e desenvolvimento do estudante são fundamentais para garantir um bom clima escolar e sentido para os jovens, aumentando as chances que eles permaneçam (FORNARI, 2010; WITTE et al., 2013). Ainda que tenhamos consciência de que há fatores que atravessam o tempo e o poder da escola para repensá-los e resolvê-los, no que depende da ação docente e/ou institucional, é fundamental que seja levado em conta e colocadas em práticas todas as possibilidades de evitar a evasão.

Considerações Finais

As diversas categorias apresentadas brevemente, resultados da pesquisa sobre evasão com educadores do município de Guarapuava/PR, permitem-nos refletir sobre a diversidade de discursos, teorias, ideologias e concepções que atravessam a escola e suas práticas, disputando espaço e concepções de ser humano entre si. Estas falas refletem nas ações e nem sempre se apresentam coesas, o que demanda o apoio teórico para descortinar as estruturas que as sustentam.

A evasão é um fenômeno muito pesquisado e debatido em educação, este texto propõe-se a somar a tantos outros para o aprofundamento das análises e é a partir do olhar daqueles que ficam, que são buscados para solucioná-la que o fazemos. E ao discutir este objeto complexo e multideterminado, há a necessidade de ampliar-se as análises.

Ao discutir-se sobre os reflexos da evasão na comunidade escolar, os educadores levantaram diversos fatores, o que reforça a concepção de que esta é parte final de uma trajetória interrompida, perpassada por dificuldades, diferentes interesses e exclusões. A frustração com o próprio trabalho, ao deparar-se com a impotência diante a evasão da juventude, demonstram que não é suficiente que a escola e os educadores discutam e ajam para combater a evasão.

A ausência de políticas públicas pensadas para a prevenção e combate da evasão é uma faceta do esvaziamento da escola, da desassistência que a escola e seus atores percebem, contudo, ao se discutir sobre esta prevenção muitas outras esferas da vida das juventudes precisam ser repensadas, como o mercado de trabalho, acesso à escola e à saúde, entre outros.

Por fim, entendemos que é preciso compreender as circunstâncias que permeiam a evasão dos jovens, não somente devido ao controle ou manutenção dos índices educacionais, mas, principalmente, porque os estudantes que evadem são aqueles que muitas vezes já se encontram em situação de vulnerabilidade social, situação que pode ser agravada pela não conclusão da educação básica e da formação humana proporcionada pela escola.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRASIL. IBGE. **Séries Históricas e Estatísticas**. 2016. Disponível em: <<https://seriesestatisticas.ibge.gov.br/default.aspx>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

DORE, Rosemary; LÜSCHER, Ana Zuleima. Permanência e evasão na educação técnica de nível médio em Minas Gerais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 144, p. 772-789, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742011000300007&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 04 fev. 2019.

SILVA FILHO, Raimundo Barbosa; ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. Evasão e abandono escolar na educação básica no Brasil: fatores, causas e possíveis consequências. **Educação por Escrito**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 35-48, 2017. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/24527>> Acesso em: 26 out. 2019.

FINI, Roberto; HEIJMANS, Rosemary Dore; LUSCHER, Ana Zuleima. Insucesso, fracasso, abandono, evasão... um debate multifacetado. In: CUNHA, Daisy Moreira. et al. **Formação/profissionalização de professores e formação profissional e tecnológica: fundamentos e reflexões contemporâneas**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2013. p. 235-275. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v41n144/v41n144a07.pdf>>. Acesso em: 1 nov. 2018.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A Revolução 4.0 e a reedição das lógicas das revoluções burguesas [31 de outubro de 2019]. **DMT em debate: Democracia e Mundo do Trabalho**. Entrevista concedida a João Vitor Santos.

FORNARI, Liamara Teresinha. Reflexões acerca da reprovação e evasão escolar e os determinantes do Capital. **REP - Revista Espaço Pedagógico**, v. 17, n. 1, Passo Fundo, 2010. p. 112-124. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/2027/1260>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

GESTA. Galeria de Estudos e Avaliação de Iniciativas Públicas. **Políticas públicas para redução do abandono e evasão escolar de jovens**. GESTA, 2017.

IBGE. **Panorama Cidades - Guarapuava/PR**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/guarapuava/panorama>> Acesso em: 02 ago. 2020.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Nota Técnica nº8/2017/CGCQTI/DEED**. Brasília: INEP, 27 de junho de 2017.

INEP/MEC. **Indicadores Educacionais**, 2018. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais>> Acesso em: 20 jun. 2020.

KRAWCZYK, Nora. Reflexão sobre alguns desafios do Ensino Médio no Brasil hoje. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 144, p. 752-769, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cp/v41n144/v41n144a06.pdf>> Acesso em: 27 abr. 2019.

KOHN, Alfie. Test today, privatize tomorrow: using accountability to “reform” public schools to death. In: WATKINS, William H. (Ed.). **The Assault on Public Education: confronting the politics of corporate school reform**. New York: Teachers College Press, 2012. p. 79-96.

LEITE, Guilherme Antunes. *Reforma do ensino médio, projeto pedagógico da Confederação Nacional da Indústria e a crise do mundo do trabalho no Brasil: delineamentos para a formação de estudantes da classe trabalhadora*. Guarapuava/PR. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2021. 261p.

MARGIOTTA, Umberto; VITALE, Gabriella; SANTOS, Jácia Soares dos. O fenômeno do abandono escolar na Europa do Novo Milênio: dados, políticas, intervenções e perspectivas. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 34, n. 94, p. 349-366, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v34n94/0101-3262-ccedes-34-94-0349.pdf>>. Acesso em: 1 nov. 2020.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã** (primeiro capítulo). Edição eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores. 1999.

MELO, Alessandro de. *Reformas educativas neoliberais e o caso espanhol*. Guarapuava: Apprehendere, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A condição juvenil no século XXI. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; NJAINE, Kathie. **Amor e Violência: um paradoxo das relações de namoro e do “ficar” entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011, pp. 17-43.

MOSCOVICI, Serge. **A invenção da Sociedade: Sociologia e Psicologia**. Petrópolis: Vozes, 2011.

PRESTES, Emília Maria da Trindade; FIALHO, Marília Gabriella Duarte. Evasão na educação superior e gestão institucional: o caso da Universidade Federal da Paraíba. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 100, p. 869-889, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-40362018000300869&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 26 out. 2020.

PONTE, João Pedro. O estudo de caso na investigação em Educação Matemática. **Quadrante**, Lisboa, v. 3, n. 1, 1994.

RODRIGUES, Luciana Soares, et al. A evasão em um curso de especialização em Gestão em Saúde na modalidade a distância. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 22, n. 66, p. 889-901 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/icse/v22n66/1807-5762-icse-1807-57622017-0129.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2019.

SANTOS, Maria E. de Moura. **Relações históricas entre trabalho, educação e pobreza**. Teresina: EDUFPI, 2018.

SILVA, Marco Aurélio; FILHO, Antônio Costa Gomes. A cultura conservadora de Guarapuava, frente ao desenvolvimento econômico, social e tecnológico. **Revista Gestão em Foco**, Amparo, 11 ed., p. 86-94, 2019. Disponível em: <http://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2019/05/007_A-CULTURA-CONSERVADORA-DE-GUARAPUAVA-FRENTE-AO-DESENVOLVIMENTO-ECON%C3%94MICO-SOCIAL-E-TECNOL%C3%93GICO.pdf> Acesso em: 02 ago. 2020.

SILVEIRA, Olivia. **Permanecer na Escola**: um estudo com jovens egressos do Projovem. Salvador: EDUFBA, 2014.

SOARES, Tufi Machado. et al. Fatores associados ao abandono escolar no ensino médio público de Minas Gerais. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 757-772, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v41n3/1517-9702-ep-41-3-0757.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

STEIMBACH, Allan Andrei. **Juventude, escola e trabalho**: razões de permanência e do abandono no curso técnico em agropecuária integrado, 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

TOSTES, Maiza Vaz; et al. Sofrimento mental de professores do ensino público. **Saúde Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. 116, 2018.

WITTE, Kristof de. et al. A critical review of the literature on school dropout. **Educational Research Review**, Regensburg, v. 10, p. 13-28, 2013. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1747938X13000286>> Acesso em: 20 fev. 2020.

Alessandro de Melo

Guarapuava, Paraná, Brasil

Possui graduação em Ciências Sociais e Mestrado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Estágio de Pós-Doutorado na Facultad de Ciencias de la Educación da Universidad de Málaga. Atualmente é Professor Associado da Universidade Estadual do Centro-Oeste. É Docente Permanente do Programa de Pós Graduação em Educação da mesma universidade, É líder do Grupo de Pesquisa em Trabalho, Educação e História.

E-mail: alessandrodemelo@unicentro.br

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2762977075318460>

Emanuely Peplinski

Guarapuava, Paraná, Brasil

Psicóloga Clínica CAPS AD Guarapuava 2019-. Mestra em Educação pela Universidade Estadual Centro-Oeste - UNICENTRO. Trabalha como professora de línguas estrangeiras. Especialista em Gestão de Recursos Humanos - Faculdade São Braz. Especialista em Neuropsicopedagogia - Faculdade São Braz. Facilitadora em Práticas Restaurativas pelo IIRP (International Institute for Restorative Practices). Graduação em Psicologia no ano de 2017 - Faculdade Guairacá, Guarapuava /PR.

E-Mail: emanuely.peplinski@gmail.com

Link Do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7041337680090929>

Recebimento: 26/08/2021

Aprovação: 20/09/2021



Q.Code

Editores-Responsáveis

Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto, Universidade Federal do Ceará, UFC, Ceará, Brasil

Dr. Sebastien Pesce, Universidade de Orléans, França